

Société Generale critica a nota conjunta de devedores

Da sucursal de
BRASÍLIA

O presidente do Banco Société Generale, da França, credor de US\$ 1,2 bilhão da dívida externa brasileira, Jacques Mayoux, condenou ontem, após uma audiência com o presidente João Figueiredo, a tentativa de tratamento conjunto para os países devedores, reivindicado pelos governos do Brasil, Argentina, México e Colômbia.

"Os americanos devem modificar com urgência essa política de juros, não apenas para que não se inviabilizem programas de estabilização, como o realizado pelo Brasil, mas para que a desordem financeira não se generalize em prejuízo de toda a economia mundial. Concordo em que se chame a atenção dos Estados Unidos para o problema dos juros, mas acho que cada país tem de tratar do problema isoladamente, pois cada situação é diferente da outra. Acho que o Brasil, por exemplo, deve contar com a ajuda da comunidade financeira internacional pelo esforço que vem fazendo para equacionar o problema da dívida. Mas este não é o caso de todos os países devedores, alguns dos quais dispõem de reservas e não vêm cumprindo com seus compromissos. Portanto, é uma questão que deve ser vista caso a caso", disse o banqueiro francês, que estava acompanhado pelo investidor do mercado de ações Naji Nahas.

Jacques Mayoux considera que a questão da alta de juros nos Estados Unidos não é preocupante apenas para o governo brasileiro, pois este fenômeno se reflete na economia da maioria dos países europeus, que são obrigados a transferir para os Estados Unidos uma quantidade maciça de recursos, diminuindo a sua capacidade de investimentos internos, necessários à manutenção do crescimento da economia

interna para gerar os empregos requeridos.

Mas na conversa de mais de 40 minutos que manteve com o presidente João Figueiredo, o banqueiro francês disse que manifestou confiança na recuperação da economia brasileira.

METAS DO FMI

O presidente do Banco Central, Afonso Celso Pastore, afirmou ontem que o Brasil vai cumprir todas as metas econômicas acertadas com o Fundo Monetário Internacional (FMI), na quinta carta de intenções, inclusive as de expansão de 13,5% da base monetária — emissão primária de moeda — no primeiro semestre e de 50% ao longo deste ano. Embora o cumprimento da meta semestral exija o corte, em junho, de cerca de 8% no saldo da base monetária, Pastore ressaltou que, a esta altura, não há tempo para rever os textos do acordo com o FMI.

Após encontro com Pastore e com o diretor da área bancária do Banco Central, José Luiz Silveira Miranda, o presidente do Banco Sogeral, Elmo de Araújo Camões, manifestou a convicção de que as autoridades monetárias já iniciaram gestões junto ao FMI para rever a meta de expansão monetária deste ano de 50% para "pelo menos 65%".

Segundo o presidente do Banco Central, os números da expansão da base monetária em maio serão fechados hoje. Por isso, Pastore recusou comentar o eventual desvio na expansão monetária em maio, após o crescimento de 17,4% em abril. Silveira Miranda também negou qualquer comentário sobre o assunto e disse que ontem era o dia de os repórteres passarem a pão e água. Para Araújo Camões, a explosão da base monetária nos últimos dois meses vai provocar mais aperto na oferta de crédito e, em consequência, reforçar a atual tendência de alta dos juros.